

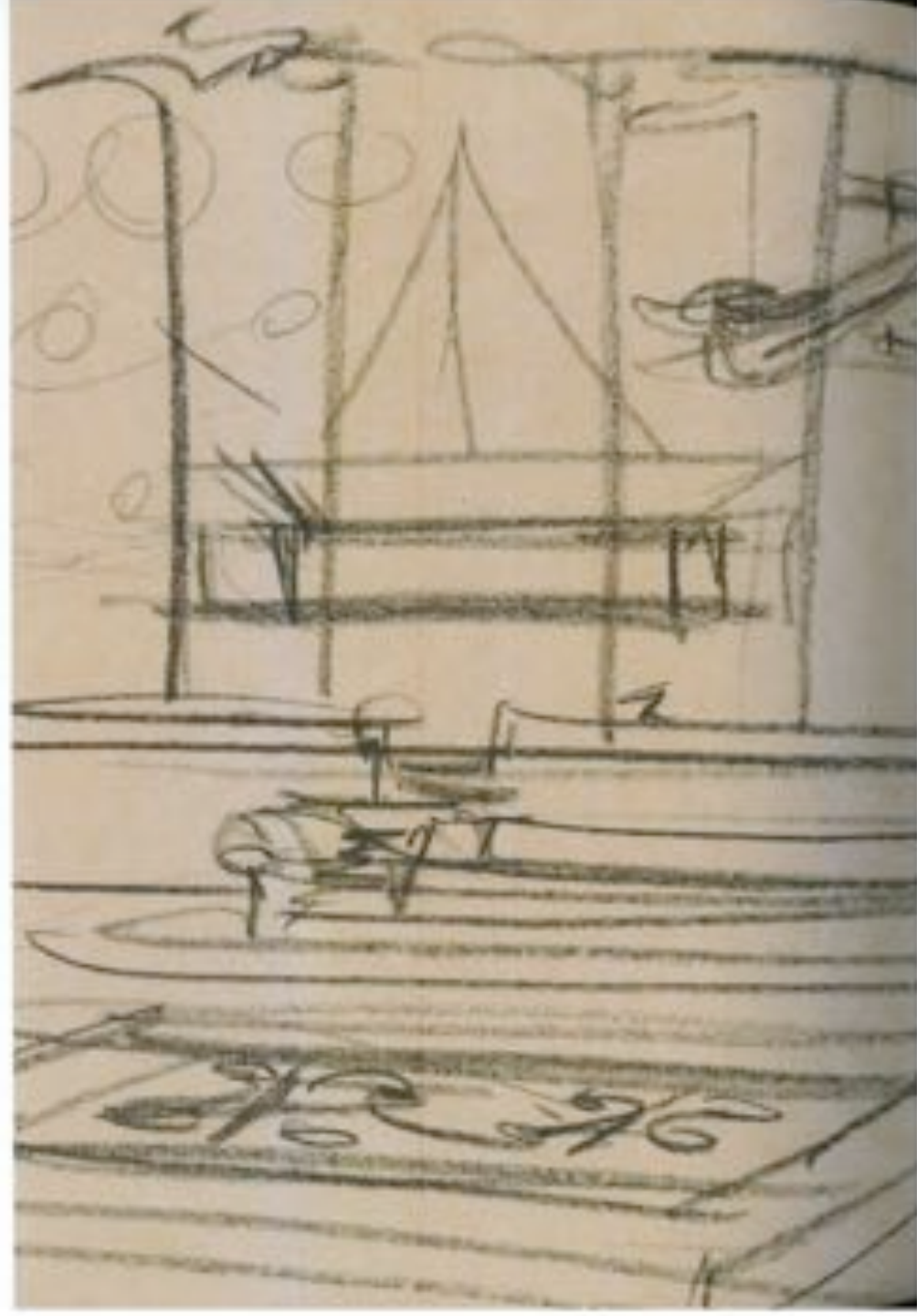
INTERVENÇÕES URBANAS CONTEMPORÂNEAS

358 359

## Passeio do Gasômetro 2001

ROBERTO BISHAR / ROGERIO MARGUARDT /  
CARLOS EDUARDO COMAS / GLENNY OLAVIA BOMBSIA

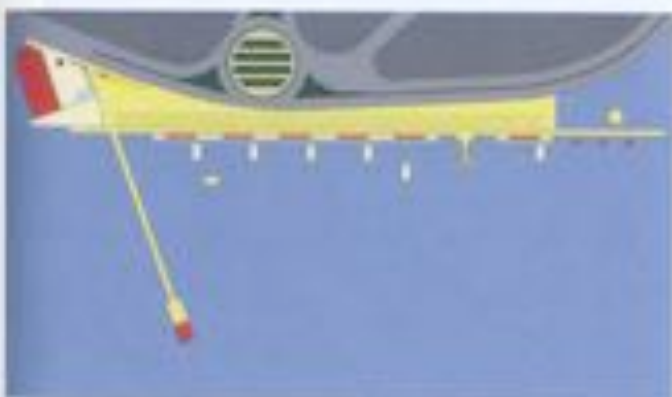
registro assinado em  
11/10/2001



**AINDA MODERNO?**  
ARQUITETURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA  
LAURO CERVALCANTI, ANGELO CORRÊA DO LAGO



• Vista aérea do rio Guaiá



Intervenção proposta

Algumas cidades se desenvolveram utilizando seus rios de modo apenas funcional: como fontes de abastecimento de água e meios de transporte de bens e pessoas, sem, contudo, incorporá-los como um valor natural ao urbanismo de suas cidades. Esse foi, de certo modo, o caso de Porto Alegre, que vem desenvolvendo nos últimos anos operações de requalificação das áreas próximas às margens do rio Guaiá.

Esta proposta almeja estabelecer um caminho de quinhentos metros de extensão, junto ao prédio de uma antiga usina, tombada como patrimônio da cidade e convertida em centro cultural. O projeto é um trabalho conjunto entre a Secretaria de Planejamento Municipal de Porto Alegre e o Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da UFPA, tendo como arquitetos convidados os professores Rosaria Marquardt e Roberto Behar da Universidade de Miami, EUA.

Preende-se constituir um novo portal para o município através de caminhos ao longo do rio e do plantio de milhares de palmeiras que levam a uma "sala de estar" com um sofá desmontável, uma caricata escada barocca e tapetes flutuantes sobre o rio.

Uma intervenção pontual que, com humor, utiliza equipamentos urbanos com feição de objetos domésticos incitando as pessoas a se apropriarem do uso dos bens naturais de sua cidade. O público ajuda ao privado para se tornar verdadeiramente coletivo, a partir do uso mútuo das pessoas. [11]

que já estava no ar. Sem falar da espetacular parede de vidro de 60 metros para o lado, tela que filtra a luz de fora com cores e tons simultâneos de acrílico e televisão, não conta de um toque eclético e o rigor. O trabalho metálico progressivo tem três figuras reais e uma virtual sobre o terraço, definida pelas linhas triangulares das paredes de vidro. Digeni que se inspira à maneira de um gato ou se espreguiça como uma pessoa tomando sol, acosta em suas dobras e reservatório d'água, para não perder a continuidade de superfície completa, ajustada à conformação topográfica do sítio.

O Projeto de Construção e execução conjunta do Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com a Secretaria Municipal de Planejamento de Porto Alegre. Fruto de associação dos argentinos radicados na Flórida Behar e Marguê (que definiram o partido) e a maioria dos elementos de composição (com gaúchos Carlos e Baber) (que definiram o encargo) e colaboraram na sua desenvolvimento formal), o projeto qualifica uma frente de rio, na periferia da área central histórica e de alto que a sumamos nos anos 1980. Compreendendo um novo perfil para a cidade, realiza uma variação funcional manifesta e integra propostas dispersas, na linha dos dois anteriores à margem do tema, de poder ser vistos ao longo do Sudestino, de mutação carbonífera de Havana. Francamente ramais, coraja deliberadamente a ambigüidade, o avião e o knock, na sala de um De Cristo ou de um terraço por projeto por Venturi, terraço quanto de projetos anteriores das leituras. Os precedentes incluem as intervenções de dupla estratégia (como a pátio em forma de M desenvolvido para a estação Riverside do Metropolitan de Miami, a pátio que simula um

Living Room no Miami Design Center, a nova ilha em forma de arena entre Miami e Miami Beach, e centro do bairro Little Guatemala) e as propostas de dupla local (como a praça do Centro Cultural de Teatro São Pedro em Porto Alegre ou a requalificação do Porto Velho de Rio Grande). Junto à chamada existente, a muro de vestígios é próprio de um terminal. O estacionamento parquizado civílica o interior da estrutura vira adjacência. A réplica gigante de um barco de papel faz de viagem e se articula significativamente com a estrutura celebrando os casais coloridos aporais. A cartina desmesurada rotando a sala de ingressos realista a larga de feira descoberta. O restaurante remota o traçoce entendido a pátio 1900 do caso do porto próximo, em metal e vidro. Sobre um pavimento de pedra portuguesa de pedris barroca, os 100 palmiras do passeio programado não invadem tanto as Washingtons tentando amenizar locais quanto as salas de Le Corbusier ou Luis Costa para a Cidade Universitária do Brasil. Junto à ilha, a plataforma se faz gerida de estas, com salas monumentais e uma escadaria barroca caricata. Estradas flutuantes para o barco de rio se dispõem horizontalmente apertadas, brincando uma vez mais com a transformação de interior em exterior. O arquipélago de minaretes em minaretes é ilha lúlica que prova as lentes da greja ecética nos redondezas e instância adicional do jogo de escalas que alimenta o projeto.

No seu conjunto, a seleção recente que a tradição moderna é inclusiva. Nos termos do nosso Luis Costa, abrange o cristal "plástico ideal", neopostônico e mediterrâneo, tanto quanto a flor "orgânico-funcional", ródica e ornamental, a flor se trata de cristal, o cristal no flor ou a flor no cristal. Em qualquer caso, seu objetivo é a redução dos elementos de

arquitetura à sua geometria essencial: parede e piso manifestos como planos ou placas, o colmo como cilindro, o pilar como uma letra em g. Embora empita em norma justificada pela tipicidade do edifício situa na era da máquina, a estrutura independente corresponde a uma fase madura dessa tradição moderna. Não é lógica sua coexistência com a estrutura de paredes portantes no interior próprio de uma fase mais primitiva. Trata-se de norma genérica, não absoluta. Assim, a planta livre completamente a planta paralela, o teto de madeira não exclui aquele de alçago de lúlica ou bicrieta, o espaço aberto vale o mesmo que o fechado. É a compromisso com a abstração não vido o interesse na figura memorável, a serviço de caracterização apropriada de um programa e uma situação. Afinal, a estratégia por tem por antecedentes a facção da vanguarda de 1900 com os sites, hangars, oficinas, pontes, automóveis, avôes, formas desenvolvidas fora do território então convencional da arquitetura.

Sem dúvida, a jogar por essa seleção, "intuição" não é sinônimo de "identidade" no Brasil meridional, mas um dado inevitável cuja importância não se deve exagerar. Local e global não se apresentam antagônicas, mas versos e reversos da mesma moeda. A consciência da tradição moderna se equaciona no sentido lato, de tradição disciplinar que desconhece fronteiras e inclui a contribuição de própria criação. Enquanto a criação se comento a realizar ou transformar se entende como mera questão de bom senso. De outro lado, importante, parece, não é ser original, é ser radicalmente competente, mesmo sem o reconhecimento mais amplo que genérica e estético. Afinal, se toda sociedade tem a arquitetura que merece, respeito à precisão e só se realiza navegando.

**SIN**  
**CARLOS EDUARDO**  
**COMAS**

Arquiteto professor na UFRJ (1960) e crítico de arquitetura

#### Uma seleção sutil

Porto Alegre e Curitiba são as duas pilhas do Brasil meridional. A segunda capital deve sua fama, nos anos 1980, a uma experiência urbanística supervisionada exemplar. A primeira ficou conhecida nos anos 1990, como sede do Fórum Social Mundial. Nenhuma sobressai pela arquitetura nesse decênio. Os clichês pós-modernistas e desconstrutivistas ainda dominam no edifício novo, quer nos encargos de setor privado, quer nas realizações do poder público, quer nos projetos vitórias em concursos públicos de arquitetura. Apenas duas obras importantes contribuem para revalorizar uma tradição moderna. Em Curitiba, é o Novo Museu que Oscar Niemeyer completa em 2003, reeditando um projeto que havia projetado nos anos 1970, junto ao Centro Cívico da cidade. Em Porto Alegre, é o Museu Iberê Camargo, do português Álvaro Siza, a inaugurar-se em 2006, de frente para a rua Guaíba e perto do Monumento de Cristal que o uruguaio Rómulo Fernández Sin construiu nos anos 1950, marco local, mas de classe internacional.

Os trabalhos selecionados para esta exposição são de autores que foram educados em Porto Alegre ou Curitiba, mas colaboram com arquitetos estrangeiros e/ou não atuam exclusivamente nas cidades onde se formaram. Apesar do orçamento modestíssimo em contraste com o dos museus mencionados, as obras se situam igualmente à margem da prática corrente nas suas circunstâncias. Para o arquiteto brasileiro, a oportunidade de tratar questões de estacionamento como problema arquitetônico é inédita, porque em

geral se trata que estes se programem por si mesmos. E se, em sua agenda, a casa em terreno residual para o pai e mãe não é uma novidade, nem a escola que incorpora marala e consultório, ou até mesmo a sede do clube de campo no cotejo do interior, os clientes desprovidos de preconceitos formais são exceção. Enquanto a proposta de um passeio público responde à oportunidade única oferecida por uma frente de rio subutilizada ao lado de uma velma reutilizada como centro cultural.

A possibilidade de arquitetura de nível se vê na casa metropolitana do jovem Studio Perleto. O escritório sobre a guerra vive casa em balanço, com jeito de combinar e cabina de piloto. Os materiais empregados reforçam as situações penosas ao mundo veicular e fértil. A planta é limitada mas diversificada em seus padrões, garantindo interesse visual e tátil ao conjunto. Mas refinado, o estacionamento para o Banco do Brasil se qualifica com elementos novos que dão ritmo às duas fachadas paralelas preexistentes, ao mesmo tempo que exaltam sua materialidade diferenciada e a verticalidade comum a ambas. Entre uma e outra, a cobertura é verdade simplificada de elementos da Praça Sena de Piton e Vajlana em Barcelona, o precedente prestigioso na medida de espaço aberto público e vago vertical.

Anclado à ruína em território de colonização italiana no século XIX, o clube de campo de Gederson Meotti se apresenta convincentemente rústico no seu simétrico, traço de composição distintivo do gosto peninsular para terragem. Ao mesmo tempo, amáveis de cobertura e de emprego inclinadas, se vincula de modo difuso com o Niemeyer dos anos 1940 e 1950, aquele das casas de fim-de-semana em Miguel Pereira e Mendes, como do Fach Club no Rio de Janeiro e do Hotel em

Diamantina. Projetado em 1954, a casa com clínica de Berardi e Freudenberg se eleva de uma esplanada que unifica calçada e páteo de acesso através da pavimentação com vetivas paralelepípedos de granito. O lote de meio de quadra ganha assim uma nova dimensão e uma pádua que enriquece a cidade nova do nordeste paranaense. Original e fina, essencialmente branca, mas abstratamente chapada de cor viva, a massa construída se destaca a um pato monumentalizado. A verticalidade da porta de entrada tem um quê de Cees, a esplanada externa remete ao Lúcio de Casa Malaparte, os detalhes acenham a condado mediterrâneo, as janelas horizontais recordam as calvas do Exito Internacional, e dualidade do programa se anuncia sutilmente.

De volta à metrópole com o duo Proença-RIN, a qualificação do terreno se faz crucial. O lote de esquina se apresenta como lote de uma só testada e perde de concreto firmeza à travessa sem saída, ao longo da maior dimensão, excarta a largura mínima e justifica a designação de casa-foto para a moradia de uma só pessoa, variante condensada e estilizada da casa-língua dos irmãos portenhos. A rubrica do gesto se reage aqui e ali com uma tenda ou pernilista, recorda uma condição original alterada pela abertura de travessa e contrasta com a planta viciosa e delicada ao longo de calçada. Intencional e transparente interior, o páteo intermediário unificado pelo vidro com o salão integrado à cozinha sob a varanda integrada e seu terraço, com o corredor lateral sobre as dependências de serviço, com a suite sobre a garagem. A atenção interior se concentra no alto, nas gradieções de pé-direito que diferenciam cada peça. Quando não enleado pelo firmamento ou pelo enquadramento judicioso de uma árvore, a plantado no páteo como o